



PENSAMENTO ACADÊMICO

Diretório Acadêmico "Sete de Junho"

FACULDADES DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS — FACS D.A.S.J. — Ano 5 — Rua Silvino Dal Bó, 85 — Fone: (041) 23.2072 — 1ª Quinzena de maio de 1986 — Foz do Iguaçu

UNIVERSIDADE DO OESTE

Ministro não recebeu estudantes



Políticos e estudantes no MEC

Ministério da
Educação
fechou as
portas ao
Oeste

página 7



Passada do Oeste em Brasília

Um ministro surdo

O ministro Jorge Bornhausen descartou definitivamente a possibilidade de federalização da Universidade do Oeste no atual governo na audiência que manteve com as lideranças de nossa região ao mesmo tempo em que quase quinhentas lideranças políticas, empresariais e estudantis eram mantidas à distância da residência do ministro. Nada de estranho. Bornhausen, ex-governador biônico de Santa Catarina, eleito senador numa nebulosa apuração de votos, de uma família oligárquica de banqueiros catarinenses, representa efetivamente o que existe de mais retrógrado neste País. Oriundo da antiga UDN, o ex-sócio do Banco Inco, que chegou a presidência da Frente Liberal e ganhou o Ministério da Educação, não seria sensível aos interesses do Oeste do Paraná, relegado sempre a um plano secundário pela falta de lideranças representativas de nos-

sa região.

Fomos, somos e seremos, sempre, uma região povoada por paraquedistas políticos de todos os tipos e líderes locais sem nenhuma afinidade com a terra porque acostumamos a eleger homens pela simpatia pessoal ou pela amizade fraterna e não pela capacidade e pela força ideológica, pelo amor aos nossos interesses regionais.

A audiência de Brasília é o retrato desta nossa situação. Uma caravana com todos os prefeitos do Oeste, centenas de estudantes e professores, simplesmente não conseguiu ser recebida pelo ministro banqueiro, que banca, agora, a educação deste País. Ele encerrou o expediente às 18 horas e repousava em sua residência de luxo quando o esforço do senador Álvaro Dias e do líder liberal David Cherigate obrigaram-no a guardar as garrafas do bom scotch e atender a alguns membros

da comitiva paranaense.

O resultado da audiência, no entanto, foi lamentável. O Oeste, mais uma vez, retorna cabisbaixo de Brasília e a Universidade do Oeste vai tomar certamente o mesmo caminho da Ferrovia da Produção, projeto sonhado pelos paranaenses e matogrossenses mas que não consegue sensibilizar os surdos de Brasília. Voltemos, pois, aos nossos campos de soja e trigo, as nossas enxadas, pois a Nova República, como a Velha, não tem interesses em nos dar nada em troca ao nosso trabalho, a nossa dedicação e a nossa competência para a agricultura. Continuaremos nossa luta, pois nada conseguimos, até agora, sem muito esforço e dedicação. Vamos à luta pela Universidade e quem não nos acompanhar terá que receber do povo do Oeste o tratamento adequado.

"O Paraná" 18/4/86

Agora, Oeste quer a estadualização

página 3

CASCAVEL, QUARTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1986.

HOJE É O DIA "D" DA UNIVERSIDADE

Uma caravana com mais de 400 pessoas entre professores, presidentes de diretorias dos diversos partidos políticos, deputados, prefeitos, vereadores e estudantes de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon e demais cidades da região Oeste mantém às 18 horas de hoje, em Brasília, uma audiência com o ministro da Educação, Jorge Bornhausen. Esgotados todos os meios de mobilização, os estudantes das três faculdades (Fecivel, Facitol e Facimar) decidiram pedir juntamente com os lideranças um contato direto com o ministro para reivindicar a criação da Universidade Federal do Oeste do Paraná. As três faculdades atendem 3.380 acadêmicos de toda a região, que abrange 29 municípios e a situação financeira de todas elas é comprometedora. A Fecivel, para se ter uma idéia, tem uma arrecadação em torno de 700 mil cruzados mensais e gasta cerca de 200 mil cruzados a mais. Por isso, depois

de movimentos diversos como boicotes às mensalidades e greves paralisando todas as atividades, unidas com as Faculdades de Toledo e Marechal Cândido Rondon, os acadêmicos de Cascavel juntaram-se às autoridades com a decisão firme de conquistar o que lhes é de direito: o ensino gratuito de terceiro grau, que é de responsabilidade da União. Além de acadêmicos e professores das três faculdades, acompanham a caravana - que lota 11 ônibus - os prefeitos de Cascavel, Fideclino Tolentino; de Marechal Cândido Rondon, Ilmar Priessnitz, e de Toledo, Albino Corazza Netto. Prefeitos e diversos outros municípios que integram o Amap, liderados por Delso Trentin, também acompanham os estudantes. Deputados, representantes de diversas entidades envolvendo todos os segmentos da comunidade oeste e a imprensa regional estão juntos na luta, com apoio do governador José Richa.

O Paraná - Cascavel, domingo, 20 de abril de 1986.

Agora a luta pela estadualização

A caravana oeste que foi a Brasília reivindicar a federalização das quatro escolas de ensino superior do Oeste do Paraná (Fecivel, Facitol, Facimar e Facisa) retornou nas primeiras horas de ontem. Apesar da frustração estampada em cada rosto, todos demonstravam forças e a decisão de continuar a luta, agora pela estadualização. Ainda ontem, às 14h30min, aconteceu, nas dependências da Fecivel, uma reunião com todos os membros da caravana que foi até Brasília, para fazer uma avaliação do movimento e

traçar os novos rumos a serem seguidos. Existe a disposição tomada em assembleia geral, no início do mês, de paralisar as atividades pedagógicas e funcionais nas quatro instituições até que o governo estadual tome uma posição definitiva quanto à questão do ensino superior no Oeste. Na próxima terça-feira serão realizadas assembleias gerais dos estudantes nas quatro Faculdades para apresentar os resultados da viagem a Brasília e discutir novos planos.

O Paraná - Cascavel, quarta-feira, 23 de abril de 1986.

Agora, a greve pode ser geral nas três faculdades. E uma audiência com Richa já deverá ser marcada

Sem conseguir os resultados que esperavam da audiência (safrida) com o ministro Jorge Bornhausen, da Educação, em Brasília, semana passada os estudantes e professores das faculdades de Cascavel (Fecivel), Toledo (Facitol) e Marechal Cândido Rondon (Facimar) prometem agora "endurecer" seu posicionamento com relação à estadualização destas instituições, já que a federalização não foi possível.

Enquanto os docentes e discentes destas instituições decidiam, ontem, em assembleias durante o dia e a noite (os resultados só saíram mais tarde, após o fechamento desta edição), sobre os rumos da mobilização, a Comissão Pró-Universidade do Oeste formada por representantes das três faculdades - reuniram-se, no período da tarde, na Fecivel, e decidiu formar

uma comissão integrada por estudantes e professores destas escolas, que irá a Curitiba, juntamente com o deputado Mário Pereira, para marcar uma audiência com o governador José Richa, que deverá acontecer no máximo até dia 5 de maio.

Nesta audiência os representantes das três faculdades exigirão do governador uma resposta definitiva sobre a Universidade do Oeste. Essa mesma comissão poderá contar com representantes também da Facisa (Faculdade de Ciências Aplicadas de Foz de Iguaçu), já que hoje dirigentes desta escola estarão reunidos com a Comissão Pró-Universidade do Oeste. A direção da Facisa se mantém afastada da mobilização da região, embora os

estudantes venham lutando com as outras três faculdades.

A GREVE

Ontem, o primeiro dia útil da semana após o "feriadão", em nenhuma das três faculdades (Cascavel, Toledo e Rondon) houve aula. Os professores e estudantes apenas compareceram nas instituições para a realização das assembleias. Em Cascavel, ainda na sexta-feira passada, os professores da Fecivel decidiram continuar a greve que já vinham fazendo, tanto para reforçar o movimento estudantil, como também em protesto por ainda não terem recebido seus salários atrasados.

Embora até o fechamento desta edição as assembleias nas três facul-

Comissão do Oeste já está em Curitiba para marcar a audiência com o governador

ENQUANTO ISSO, ESTUDANTES E PROFESSORES DA FECIVEL, FACITOL E FACIMAR ESTÃO PARTINDO PARA A GREVE GERAL

A exemplo dos professores, que já na sexta-feira passada (logo após a sofrida e frustrante audiência com o ministro Jorge Bornhausen, da Educação), se decidiram pela paralisação por tempo indeterminado, também os estudantes da Fecivel resolveram decretar greve e continuar o boicote às mensalidades, até que o governador José Richa de uma resposta definitiva (favorável, espera-se) à luta do Oeste pela estadualização das faculdades de Cascavel, Toledo e Marechal Cândido Rondon.

Mas o movimento paralista não se restringe apenas a Cascavel. Em Marechal Cândido Rondon, a Associação dos Docentes Universitários da Facimar, em assembleia realizada na noite de terça-feira desta semana, também decidiu pela greve. Enquanto isso, os estudantes haviam marcado para a noite de ontem a sua assembleia para discutir o futuro do movimento estudantil pela Universidade do Oeste. Mas a deliberação desta reunião dos acadêmicos da Facimar dificilmente seria diferente daquela já adotada pelos docentes.

Em Toledo, na Facitol, professores e estudantes realizaram assembleia também na noite da última terça-feira. Mas na ocasião somente foi apresentado um relato da viagem a Brasília, por ocasião da audiência com o ministro da Educação. A decisão pela paralisação na Facitol foi para a assembleia geral convocada para a noite de ontem, que foi até mais tarde. Mas a exemplo de Rondon e Cascavel, os docentes e discentes da Facitol também estavam decididos, antes mesmo da assembleia, a delagrar greve geral na instituição, unindo-se à mobilização da Facimar e Fecivel.

COMISSÃO JÁ EM CURITIBA

Ainda ontem, já a noite, uma comissão integrada por quatro membros (dois da Fecivel, um da Facitol e um da Facimar) seguiu a Curitiba. E já na manhã de hoje, acompanhados do deputado peemedebista Mário Pereira, esses representantes das três faculdades oesteiras tentarão, junto ao Palácio Iguaçu, marcar uma audiência com o governador José Richa. Este encontro com o chefe do Executivo estadual terá que acontecer - como querem os acadêmicos e professores das três escolas de ensino superior da região - no máximo até dia 5 de maio, uma vez que no dia 9 o governador deixará o governo para dedicar-se à sua campanha rumo a uma cadeira no Senado Federal.

A comunidade acadêmica e também do magistério universitário oesteiro entende que, como foi o governador Richa que assumiu o compromisso com a região de estadualizar as faculdades, caso o governo federal não as federalizasse, "tem que ser o próprio governador José Richa para nos atender, e não o seu substituto", no caso o vice João Elísio Ferraz de Campos, ou o próximo governador a ser eleito em novembro próximo, porque, aí, ficaria mais difícil conseguir uma Universidade para a região através deste primeiro passo que é a estadualização das faculdades.

ATO PÚBLICO

Na tarde de ontem, estudantes e professores da Fecivel promoveram manifestação pública, na praça em frente a Catedral Nossa Senhora Aparecida. Na ocasião, eles também realizaram passeata, portando faixas e cartazes defendendo a estadualização das faculdades da região e pedindo ao governador para que cumpra a sua promessa.

dades não houvessem sido encerradas, tudo levava a crer que a greve, já a partir de hoje, deverá ser geral nestas escolas de ensino superior.

SERVIÇOS INTERNOS

Ainda na Fecivel, a Associação dos Funcionários da Fecivel (Afuvel) reuniu-se e decidiu que os serviços internos continuarão, mas que o funcionalismo também ficará em "estado de alerta", e também apoiando o movimento dos professores e estudantes.

De acordo com informações também da Comissão Pró-Universidade, dos professores e estudantes, caso o governador não atenda este anseio da região, não está descartada a possibilidade da realização de um acampamento em frente o Palácio do Iguaçu.



Universitários da região entram firmes no debate

A medida que se aprofunda o debate e se amplia a luta pela criação de uma universidade no Oeste do Paraná, aprofundando-se a luta também a convicção de que o ensino superior em particular e o ensino em geral estão gravemente enfermos no Brasil. Mas não será por isso que a região irá desistir da batalha pela implantação de sua universidade. Ao contrário, enquanto se conscientiza da gravidade da crise universitária, a comunidade regional se lança ao esforço de descobrir fórmulas que, na universidade pretendida, reproduzam a menor quantidade possível de enfermidades e garantam a saúde da instituição.

A pretensão de criar no Oeste do Estado uma universidade foi inicialmente alimentada por Cascavel, que, por sua posição geográfica e sua condição de município economicamente mais forte da região, "teria todas as condições para abrigar uma instituição de ensino superior" — conforme se dizia sempre que o assunto era levantado. Depois, porém, com o avanço da discussão e o fortalecimento da convicção de que "o Oeste não pode mais continuar sem sua universidade", começou a ganhar corpo a tese de que o empreendimento deveria nascer à sombra de ideias de necessidade de integração regional, mediante o esforço conjunto de todos os municípios e com o objetivo de formar um patrimônio comum a todos eles, sem hegemonia ou centralização por parte de um ou outro.

Com essa posição, em pouco tempo, a pretendida Universidade do Oeste deixou de ser ambição deste ou daquele município mais forte para se transformar na "grande aspiração regional", embora no centro de movimentação aparecesse Cascavel, Foz do Iguaçu, Toledo e Mariscal Cândido Rondon, pelo fato de já contarem com suas faculdades.

A concepção de uma universidade dentro de um plano de desenvolvimento regional integrado nasceu do aprendizado de que o bairrismo não passa de uma mesquinha e, principalmente, nasceu das ideias trazidas à região em cursos, seminários e simpósios promovidos pela Associação Educacional do Oeste do Paraná (Aasoeste) e ministrados por técnicos, professores e intelectuais de diversas universidades brasileiras, notadamente de Fidene, de Ijuí-RS, e de Unicamp.

Ao longo dos últimos anos, ensaiaram-se diversas iniciativas em torno do plano de criar uma universidade na região. Ora em Cascavel, ora em Toledo, Rondon ou Foz do Iguaçu, surgiu alguma proposta, mas em geral nenhuma apresentava objetivos que fossem além da busca de status para a respectiva cidade pretendente. E enquanto as pretensões se situaram nesse nível não houve progressos.

Integração Regional

Por outro lado, as dificuldades com que cada iniciativa isolada se defrontava

junto às autoridades educacionais ajudaram a concluir pela necessidade da conjugação de esforços e da soma de potencialidades de todos os municípios para viabilizar o empreendimento.

A questão tornou nitidamente esse rumo no ano passado, e a partir de então o movimento adquiriu um volume que o tornou irreversível, indicando que a criação da Universidade do Oeste é apenas uma questão de tempo e de amadurecimento das ideias que vão orientá-la.

Nos debates desenvolvidos até o momento, algumas coisas já ficaram claras e respeito dos caminhos a serem seguidos para dotar o Oeste do Paraná de uma universidade. A primeira delas é a de que o imediato, a improvisação e o artificialismo das soluções gestadas em gabinetes têm de ser afastadas, devendo a comunidade pensar a questão e amadurecer um projeto universitário assentado sobre a realidade regional, para o que o envolvimento de todos os setores sociais está colocado no centro dos métodos de trabalho.

Aos poucos, a ambicionada Universidade do Oeste atraiu a participação das mais diversas frentes de luta e, hoje, o tema ocupa as atenções de praticamente todas as entidades e organizações da região.

Nos últimos meses a mobilização se intensificou e cresceu na conquista de espaços. Saiu-se da fase especulativa para entrar na etapa da consolidação de um esboço a partir do qual será possível materializar o que até hoje era, apenas no terreno dos sonhos. E nesse sentido, o final de semana passado foi um momento digno de ficar na história como divisor de águas. Até ali, o que estava no mero terreno das possibilidades começou a passar para o campo da realidade — se não pela clareza quanto ao que se quer e se pode empreender, pelo convencimento de que se formou em torno da necessidade e da urgência de a região sair do estágio de simples proliferação de cursos superiores dispersos para entregar-se à consolidação de um complexo universitário capaz de integrar a comunidade e racionalizar o desenvolvimento desse setor da educação.

Nesse marco, a história da criação da Universidade do Oeste vai encontrar a reunião realizada no dia 19, sexta-feira, pela Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (Amopi) em Guaraniáçu, e o 1º Encontro dos Estudantes Universitários do Oeste, realizado em Foz do Iguaçu no sábado e no domingo, dias 20 e 21 de abril.

O modelo universitário que ninguém quer

O documento final elaborado pelos acadêmicos como conclusão do encontro, embora expresse as expectativas que dominam a reivindicação da Universidade do Oeste, não passou de uma espécie de caricatura das extensas e às vezes profundas exposições feitas pelos palestrantes convidados. Verdade é também que os próprios expositores não conseguiram sair das generalidades. Já formulação de perguntas para as quais, ao que parece, ninguém tem resposta.

Mas a busca das respostas é precisamente a tarefa de que a comunidade regional deverá se ocupar com realismo.

O ENCONTRO DO UNIVERSITÁRIO

metodo nos próximos passos da luta

O que será, por exemplo, uma universidade democrática? O ensino deve mesmo ser público? Público federal, estadual ou municipal? E o país tem condições de oferecer ensino gratuito, sabendo-se que, como foi enfatizado nas palestras, particularmente o ensino superior é "muito caro"? Que concepções não orientar a Universidade do Oeste? Como será constituída e estruturada? Quem vai implantá-la? O que se quer dizer quando se insiste numa universidade que "atende aos reais interesses populares e nacionais, ou quando se fala em educação "vinculada à realidade local e regional"?

Cada um dos palestrantes procurou levantar o máximo de perguntas, oferecendo um mínimo de respostas, seja porque ninguém ainda as encontrou, seja porque a experiência ensina que elas devem surgir do debate amplo, ou porque é mais cômodo indagar e filosofar do que estabelecer um roteiro de ações concretas para chegar a algum resultado, antes que o campo da comunidade devolva a seus dirigentes a tarefa de fixar definições.

Crise de Identidade

José Benedito Chensider denunciou-se em abordar o que seria a "universidade democrática" — aquela que, segundo ele, "precisaria imediatamente seu trabalho com a participação de todos". Observou que a sociedade brasileira não tem a menor ideia do que seja a universidade, o que faz e como se chega até ela. "O povo só sabe que lá é lugar de gente rica, embora isso nem sempre seja verdade".

Chensider criticou a universidade dedicada mais à reprodução e à repetição do que à produção de conhecimentos, e indicou como remédio para esse mal uma universidade que precise ter "consciência dos seus objetivos, clareza sobre a estrutura capaz de conduzir a eles e convencimento geral de que o que se busca é o que todos querem".

No diagnóstico apresentado pelos palestrantes a universidade brasileira recebeu abundante adjectivação depreciativa. "A situação é lastimável" — disse Chensider. "A história da universidade brasileira está diretamente ligada à história do autoritarismo e do elitismo" — acrescentou Ana Marie Beck, de Andaraí. E José Kuliva simplesmente considerou que a descoberta do caminho para a Universidade do Oeste pode muito bem estar na "negação dos vícios que levaram a uni-

versidade brasileira à crise em que se encontra".

Segundo José Kuliva, "a crise universitária configura uma situação de prefallência". Nas causas e consequências, ele apontou a desmotivação existente na comunidade acadêmica, onde os professores, técnicos e pesquisadores perderam a própria identidade e a fé no que estão fazendo. "Ninguém parece acreditar no que faz ou no que lhe compete fazer" — metralhou. Por conseguinte, a sociedade também não acredita na universidade como instituição e no professor como profissional — prove disso, segundo Kuliva, foi dada pelo descaço com que foi acompanhada e grave geral das universidades no ano passado.

"Fruto de uma política de fragmentação, centralização e tecnicismo, a universidade apresenta uma perigosa desorganização interna" — disse Kuliva. "Sem poder de auto-gestão por falta de autonomia, operando para um mercado de trabalho saturado porque não ensina para a realidade, a universidade carece também a legitimação na medida em que faltam canais de participação dos profissionais que nela trabalham, dos estudantes e da sociedade em que ela atua. Não há conexão entre o saber produzido e sua



Encontro dos Estudantes Universitários do Oeste. Não poderia ter sido mais oportuno o alerta dado pelo professor João Batista de Oliveira no encerramento do evento: "Levo com satisfação os pleitos e reivindicações até o Sena do Marco Maciel. Esperamos, todavia, que a luta de vocês não acabe nesta carta".

com as propostas do movimento estudantil paranaense, que sempre lutou para que houvesse mais diálogo.

OS ESTUDANTES DO OESTE



aplicação na sociedade" — afirmou.

Função transformadora

Concluindo sua exposição, Kulava disse que a universidade livre dos fatores da crise de hoje não existe e que por isso deve ser inventada. "Não vamos esperar que criem para nós uma instituição de ensino superior; nós temos de criá-la a partir de identificação da vocação regional. Ela deve ser inspirada na vontade coletiva, não para reproduzir ou manter o modelo social que temos, mas com uma função transformadora tanto no discurso como na prática".

— Todo o povo tem condições de contribuir, não só as eminências pretensamente iluminadas — avisou. O debate vai ser conduzido no choque de opiniões e interesses. Não se pode esperar unanimidade e menos ainda a uniformidade de pensamento, que, aliás, seria odiosa. A Universidade do Oeste começa a ser criada em encontros como este que os acadêmicos estão realizando — finalizou.

Ana Maria Beck, na continuação das palestras, enveredou pela análise da reforma universitária implantada a partir de 1968, em pleno regime ditatorial. Disse ela que a reforma imposta naquele período visou adequar a universidade ao modelo econômico adotado pelo regime militar e tecnocrático em conluio com os interesses estrangeiros no Brasil. "Abriram-se as portas à importação de tecnologia, sufocando a criatividade e relegando a pesquisa, com o que o ensino acadêmico passou a limitar-se à formação de mão-de-obra capaz de servir ao modelo econômico socialmente injusto, anti-democrático e anti-nacional".

Ana Maria defendeu a tese do ensino público e gratuito, lembrando que total gratuidade no setor só existe para os militares. Insistiu na necessidade da conquista da autonomia universitária, como condição para o desenvolvimento do trabalho de ensino e de pesquisa, mas deu ênfase especial à exigência de "democratização dos orçamentos", para ela "uma questão fundamental". Disse que na Universidade Federal de Florianópolis, onde trabalha, a maior parcela do orçamento está destinada à Retoria — "um absurdo" — finalizou. "A comunidade universitária tem o

direito e o dever de participar da elaboração do orçamento da instituição, com poder para influir na distribuição dos recursos. Além disso, é imperioso que se coloque um freio na desenfreada privatização do ensino e na sua desnacionalização, que faz dos nossos centros de pesquisa laboratórios que só trabalham sob encomenda de empresas multinacionais" — concluiu.

Acadêmicos em busca de integração regional

A idéia de promover um encontro de estudantes universitários da região surgiu no ano passado no Diretório Acadêmico Sete de Junho, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (Facisa), de Foz do Iguaçu. Levada aos diretores acadêmicos das faculdades de Cascavel, Toledo e Maracá Cândido Rondon, a iniciativa foi por eles assumida. Desde o início do ano letivo de 1986, as entidades estudantis da Facisa, da Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (Facivel), da Faculdade de Ciências Humanas "Arnaldo Buarque" de Toledo (FACH) e da Faculdade de Ciências Humanas de Maracá Cândido Rondon (Facimer) trabalham na organização do encontro realizado em Foz do Iguaçu no último fim de semana.

Para um movimento de amplitude regional que ensaie seus primeiros passos, o 1º Encontro dos Estudantes Universitários do Oeste teve uma participação e um nível surpreendentes. Cerca de 200 acadêmicos das quatro faculdades da região, durante dois dias, concentraram-se no Oeste Paraná Clube, de Foz do Iguaçu, para o estudo de uma temática que lhes interessa bem de perto: a promulgada Assembleia Nacional Constituinte, a pretendida Universidade do Oeste e o propalado Ano Internacional da Juventude.

No sábado pela manhã, após o credenciamento dos participantes e a solenidade de abertura dos trabalhos, o encontro se ocupou com o estudo da Constituinte. O secretário da Justiça do governo do Paraná, Horácio Raczanello, e o professor José Benedito Chenelider, da Universidade de Campinas, proferiram palestra e conduziram depois um debate sobre o assunto.

Na parte da tarde, os estudantes se concentraram na questão da Universidade do Oeste e à noite se divertiram num fôlego, para no domingo examinar a que veio o Ano Internacional da Juventude, redigir as conclusões do encontro, sair para um passeio às Cataratas do Iguaçu e cada delegação retornar à sua cidade.

Prestes ausente

A questão da Constituinte revelou estar nas preocupações dos estudantes, enquanto o Ano Internacional da Juventude pareceu significar pouco ou nada para os acadêmicos. Eles, de fato, mostraram-se muito mais atentos e interessados em debater os problemas que vivem nas faculdades e em desvendar o que pode ser a Universidade do Oeste do Paraná.

Sendos as faculdades da região novas e estando o movimento estudantil em en-

saio de seus primeiros passos, é natural que os acadêmicos não se sintam ainda em condições de conduzir por si mesmos os estudos e os debates, por isso recorreram a palestrantes e os incumbiram de trazer-lhes subsídios teóricos e práticos para orientar as posições a serem assumidas.

Os organizadores do encontro haviam recebido a confirmação da presença do legendário líder comunista brasileiro Luiz Carlos Prestes, que deveria ser o principal atração, mas ele não pôde comparecer e limitou-se a enviar um telegrama pedindo desculpas pela ausência e transmitindo seu incentivo aos estudantes. Apesar dessa decepção, que sem dúvida frustrou os participantes, não faltaram autoridades e personalidades para que o encontro se sentisse prestigiado. Estiveram com os estudantes nesses dois dias a secretária de Educação do Estado, Glória Rocha Loures, os diretores das faculdades da região, os deputados Sérgio Spada (PMDB) e Tércio Albuquerque (PDS), representantes dos partidos políticos, vereadores, o presidente da União Paranaense dos Estudantes (UPE), Ari Dekker, o representante discente junto ao Conselho Estadual de Educação, Ordes Mezerzob, o representante do ministério da Educação, João Batista de Oliveira, o vice-presidente da Federação dos Servidores Universitários do Brasil e presidente da Associação dos Servidores da Universidade Federal do Paraná, além dos especialmente convidados para proferir mensagens: André Allen, o professor José Kulava e o professor José Benedito Chenelider.

O Conselho Pró-Universidade do Oeste, atualmente fazendo curso de mestrado em Planejamento Educacional na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, o secretário do Interior, Nelson Friedrich, a professora Ana Maria Beck, vice-presidente da regional-sul da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), e do professor José Benedito Chenelider, ex-diretor da Associação dos Docentes de Unicamp.

Se, por um lado, houve exposições em profusão e se os estudantes foram platéia na maior parte do tempo, por outro, ficou a certeza de que o movimento estudantil regional teve aí a oportunidade de descobrir em que bases pode se consolidar e em que medida deve influir na vida cultural, política, econômica e social em que se insere.

"Organismo vivo"

Ainda que o número de acadêmicos que atenderam ao chamamento dos organizadores do encontro tenha ficado abaixo do desejável, especialmente por

parte da representação da Facisa, e ainda que muitos se tenham deslocado a Foz do Iguaçu como quem vai a um piquenique, os dois dias de exposições e discussões deram aos que participaram a oportunidade de abrir sua visão e manterem um contato com a complexidade de problemas que, à primeira vista, podem parecer simples e de fácil solução.

Após o final do encontro, os acadêmicos lançaram uma carta que revela em que grau estão envolvidos nos assuntos examinados e que idéias assimilaram no resumo de tudo o que ouviram e disseram. "Com a elaboração deste documento, consolidou-se a unidade dos estudantes do Oeste do Paraná em torno da reivindicação de uma universidade que atenda aos reais interesses do povo e nos engajamos na luta maior pelas transformações que a sociedade exige" — concluiu o documento intitulado "Carta dos Estudantes Universitários do Oeste do Paraná", encaminhada inclusive ao ministério da Educação, Marco Maciel.

Na exposição que fizeram sobre as características que entendem deve ter "uma universidade que atenda aos reais interesses do povo", os estudantes falaram em "organismo vivo da sociedade, que tem o dever de cumprir um papel fundamental de produção e transmissão de experiência cultural e científica". Observaram que, "face ao modelo implantado a partir de 1968, o ensino superior está falido e vive uma crise profunda, que se reflete na rede pública e na rede particular, assoladas ambas pela falta de recursos, pela paralização de inúmeras atividades e pela evasão escolar".

E no esboço do que concluíram ser a "síntese da proposta dos estudantes para a Universidade Federal do Oeste do Paraná", manifestaram a convicção de que ela deve ser "pública, gratuita, autônoma, democrática e voltada aos interesses populares e nacionais".

— Entendemos que a educação, em todos os níveis, é um direito público e dever do Estado. O ensino público e gratuito é uma garantia para que todas as camadas da sociedade tenham acesso à educação. A comunidade universitária deverá ter autonomia na administração dos recursos e no direcionamento de sua

produção. Que ela seja democrática, aberta e dinâmica, com participação paritária da comunidade universitária nos órgãos colegiados, eleição direta para reitor e todos os cargos administrativos. Que desmembre o ensino, a pesquisa e a extensão vinculada à realidade nacional e voltada para a solução dos problemas do país. Que os currículos sejam adequados à realidade regional — defendeu a carta.



OS ESTUDANTES DO OESTE



aplicação na sociedade" — afirmou.

Função transformadora

Concluindo sua exposição, Kulava disse que a universidade livre dos fatores da crise de hoje não existe e que por isso deve ser inventada. "Não vamos esperar que criem para nós uma instituição de ensino superior; nós temos de criá-la a partir de identificação de vocação regional. Ela deve ser inspirada na vontade coletiva, não para reproduzir ou manter o modelo social que temos, mas com uma função transformadora tanto no discurso como na prática".

— Todo o povo tem condições de contribuir, não só as eminências pretensamente iluminadas — avisou. O debate vai ser conduzido no choque de opiniões e interesses. Não se pode esperar unanimidade e menos ainda a uniformidade de pensamento, que, aliás, seria odiosa. A Universidade do Oeste começa a ser criada em encontros como este que os acadêmicos estão realizando — finalizou.

Ana Maria Beck, na continuação das palestras, enveredou pela análise da reforma universitária implantada a partir de 1968, em pleno regime ditatorial. Disse ela que a reforma imposta naquele período visou adequar a universidade ao modelo econômico adotado pelo regime militar e tecnocrático em conluio com os interesses estrangeiros no Brasil. "Abriram-se as portas à importação de tecnologia, sufocando a criatividade e relegando a pesquisa, com o que o ensino acadêmico passou a limitar-se à formação de mão-de-obra capaz de servir ao modelo econômico socialmente injusto, anti-democrático e anti-nacional".

Ana Maria defendeu a tese do ensino público e gratuito, lembrando que total gratuidade no setor só existe para os militares. Insistiu na necessidade da conquista da autonomia universitária, como condição para o desenvolvimento do trabalho de ensino e de pesquisa, mas deu ênfase especial à exigência de "democratização dos orçamentos", para ela "uma questão fundamental". Disse que na Universidade Federal de Florianópolis, onde trabalha, a maior parcela do orçamento está destinada à Retoria — "um absurdo" — finalizou. "A comunidade universitária tem o

direito e o dever de participar da elaboração do orçamento da instituição, com poder para influir na distribuição dos recursos. Além disso, é imperioso que se coloque um freio na desenfreada privatização do ensino e na sua desnacionalização, que faz dos nossos centros de pesquisa laboratórios que só trabalham sob encomenda de empresas multinacionais" — concluiu.

Acadêmicos em busca de integração regional

A idéia de promover um encontro de estudantes universitários da região surgiu no ano passado no Diretório Acadêmico Sete de Junho, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (Facis), de Foz do Iguaçu. Levada aos diretores acadêmicos das faculdades de Cascavel, Toledo e Maracá Cândido Rondon, a iniciativa foi por eles assumida. Desde o início do ano letivo de 1986, as entidades estudantis da Facis, da Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (Facivel), da Faculdade de Ciências Humanas "Arnaldo Buarque" de Toledo (FACH) e da Faculdade de Ciências Humanas de Maracá Cândido Rondon (Facimer) trabalham na organização do encontro realizado em Foz do Iguaçu no último fim de semana.

Para um movimento de amplitude regional que ensaie seus primeiros passos, o 1º Encontro dos Estudantes Universitários do Oeste teve uma participação e um nível surpreendentes. Cerca de 200 acadêmicos das quatro faculdades da região, durante dois dias, concentraram-se no Oeste Paraná Clube, de Foz do Iguaçu, para o estudo de uma temática que lhes interessa bem de perto: a promulgada Assembleia Nacional Constituinte, a pretendida Universidade do Oeste e o propalado Ano Internacional da Juventude.

No sábado pela manhã, após o credenciamento dos participantes e a solenidade de abertura dos trabalhos, o encontro se ocupou com o estudo da Constituinte. O secretário de Justiça do governo do Paraná, Horácio Raczanello, e o professor José Benedito Cheneider, da Universidade de Campinas, proferiram palestra e conduziram depois um debate sobre o assunto.

Na parte da tarde, os estudantes se concentraram na questão da Universidade do Oeste e à noite se divertiram num fôro, para no domingo examinar a que veio o Ano Internacional da Juventude, redigir as conclusões do encontro, sair para um passeio às Cataratas do Iguaçu e cada delegação retornar à sua cidade.

Prestes ausente

A questão da Constituinte revelou estar nas preocupações dos estudantes, enquanto o Ano Internacional da Juventude pareceu significar pouco ou nada para os acadêmicos. Eles, de fato, mostraram-se muito mais atentos e interessados em debater os problemas que vivem nas faculdades e em desvendar o que pode ser a Universidade do Oeste do Paraná.

Sendos as faculdades da região novas e estando o movimento estudantil em en-

saio de seus primeiros passos, é natural que os acadêmicos não se sintam ainda em condições de conduzir por si mesmos os estudos e os debates, por isso recorreram a palestrantes e os incumbiram de trazer-lhes subsídios teóricos e práticos para orientar as posições a serem assumidas.

Os organizadores do encontro haviam recebido a confirmação da presença do legendário líder comunista brasileiro Luiz Carlos Prestes, que deveria ser o principal atração, mas ele não pôde comparecer e limitou-se a enviar um telegrama pedindo desculpas pela ausência e transmitindo seu incentivo aos estudantes. Apesar dessa decepção, que sem dúvida frustrou os participantes, não faltaram autoridades e personalidades para que o encontro se sentisse prestigiado. Estiveram com os estudantes nesses dois dias a secretária de Educação do Estado, Glória Rocha Loures, os diretores das faculdades da região, os deputados Sérgio Spada (PMDB) e Tércio Albuquerque (PDS), representantes dos partidos políticos, vereadores, o presidente da União Paranaense dos Estudantes (UPE), Ari Dekker, o representante discente junto ao Conselho Estadual de Educação, Orídes Mezzaroba, o representante do ministério da Educação, João Batista de Oliveira, o vice-presidente da Federação dos Servidores Universitários do Brasil e presidente da Associação dos Servidores da Universidade Federal do Paraná, além dos especialmente convidados para proferir mensagens: André Allen, o professor José Kulava e o professor José Benedito Cheneider.

O Conselho Pró-Universidade do Oeste, atualmente fazendo curso de mestrado em Planejamento Educacional na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, o secretário do Interior, Nelson Friedrich, a professora Ana Maria Beck, vice-presidente da regional-sul da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), e do professor José Benedito Cheneider, ex-diretor da Associação dos Docentes de Unicamp.

Se, por um lado, houve exposições em profusão e se os estudantes foram platéia na maior parte do tempo, por outro, ficou a certeza de que o movimento estudantil regional teve aí a oportunidade de descobrir em que bases pode se consolidar e em que medida deve influir na vida cultural, política, econômica e social em que se insere.

"Organismo vivo"

Ainda que o número de acadêmicos que atenderam ao chamamento dos organizadores do encontro tenha ficado abaixo do desejável, especialmente por

parte da representação da Facis, e ainda que muitos se tenham deslocado a Foz do Iguaçu como quem vai a um piquenique, os dois dias de exposições e discussões deram aos que participaram a oportunidade de abrir sua visão e manterem um contato com a complexidade de problemas que, à primeira vista, podem parecer simples e de fácil solução.

Após o final do encontro, os acadêmicos lançaram uma carta que revela em que grau estão envolvidos nos assuntos examinados e que idéias assimilaram no resumo de tudo o que ouviram e disseram. "Com a elaboração deste documento, consolidou-se a unidade dos estudantes do Oeste do Paraná em torno da reivindicação de uma universidade que atenda aos reais interesses do povo e nos engajamos na luta maior pelas transformações que a sociedade exige" — concluiu o documento intitulado "Carta dos Estudantes Universitários do Oeste do Paraná", encaminhada inclusive ao ministro da Educação, Marco Maciel.

Na exposição que fizeram sobre as características que entendem deve ter "uma universidade que atenda aos reais interesses do povo", os estudantes falaram em "organismo vivo da sociedade, que tem o dever de cumprir um papel fundamental de produção e transmissão de experiência cultural e científica". Observaram que, "face ao modelo implantado a partir de 1968, o ensino superior está falido e vive uma crise profunda, que se reflete na rede pública e na rede particular, assoladas ambas pela falta de recursos, pela paralização de inúmeras atividades e pela evasão escolar".

E no esboço do que concluíram ser a "síntese da proposta dos estudantes para a Universidade Federal do Oeste do Paraná", manifestaram a convicção de que ela deve ser "pública, gratuita, autônoma, democrática e voltada aos interesses populares e nacionais".

— Entendemos que a educação, em todos os níveis, é um direito público e dever do Estado. O ensino público e gratuito é uma garantia para que todas as camadas da sociedade tenham acesso à educação. A comunidade universitária deverá ter autonomia na administração dos recursos e no direcionamento de sua

produção. Que ela seja democrática, aberta e dinâmica, com participação paritária da comunidade universitária nos órgãos colegiados, eleição direta para reitor e todos os cargos administrativos. Que desmembre o ensino, a pesquisa e a extensão vinculada à realidade nacional e voltada para a solução dos problemas do país. Que os currículos sejam adequados à realidade regional — defendeu a carta.



Universitários do Oeste mostraram garra em Brasília

Três horas da madrugada, noite fria em Foz do Iguaçu, e um ônibus esperando os estudantes universitários que iam a Brasília para a audiência com o ministro da Educação no dia seguinte. Adão Almeida, Arnaldo Camargo e alguns estudantes passaram a noite articulando a caravana e já estavam desde as duas horas em frente à Igreja Matriz. Todos se fizeram presentes para representar Foz do Iguaçu e municípios vizinhos na justa luta pela federalização das faculdades da região. Alguns pegaram carona com amigos, outros foram a pé e muitos ficaram pelo centro em casas de colegas para não perder a hora. Beto Maciel deixou de lado seu jeito desligado e partiu firme como um cruzado. Max saiu da Vila Carimã pronto para ocupar Brasília. Josete Hoter, depois de muita argumentação, conseguiu convencer a mãe a deixá-la viajar. Lúcia Muhlen saiu de Santa Terezinha pronta para enfrentar a burocracia da capital. Sara, Glinda, José Ivo e muitos outros ocuparam seus lugares no ônibus e partiram firmes para o planalto central.

O presidente do Diretório Acadêmico Sete de Junho (DASJ), Adão Almeida, é contando as peripécias desta luta que passou a ser uma prioridade em sua vida e na dos demais colegas. Recordou o I Encontro dos Estudantes do Oeste, realizado no ano passado em Foz do Iguaçu, quando nasceu a ideia de uma universidade pública, gratuita, democrática e autônoma, e foi elaborado um documento reivindicando a criação da Universidade Federal do Oeste. Esse documento foi entregue ao representante do ministro da Educação. Criou-se na ocasião uma Comissão Pró-Universidade do Oeste, composta pela Facivel, Facitol, Facivel, Facisa e respectivas fundações e diretores acadêmicos. Logo no início dos trabalhos a Facisa e Funefi resolveram retirar-se da Comissão, alegando que a mesma estava se afastando do objetivo. Consta Almeida que este fato provocou uma reação por parte dos líderes estudantis. A saída dessas instituições enfraqueceu o movimento. Tentaram ainda os líderes estudantis convencer as direções da Facisa e Funefi para reconsiderar a atitude e tentar reconduzir a Comissão para o seu verdadeiro objetivo, se fosse este o problema. Todas as instituições foram em vão. Facisa e Funefi mostraram-se ineducadas.

NÃO ABREIMÃO
"Nos estudantes da Facisa resolvemos continuar participando da Comissão", relatou Almeida à comissão que seguiu para Brasília. O presidente do DASJ disse ainda aos membros da caravana que ficou surpreso quando, no dia 5, durante reunião da Comissão Pró-Universidade do Oeste, soube que a FACISA estava fora do processo de federalização, devido à atitude tomada pelos seus diretores anteriormente. Na ocasião, Almeida sustentou a posição de que os estudantes não se afastaram da luta e que o DASJ sempre participou de todas as reuniões. Almeida telefonou de Cascavel, onde foi realizada a reunião, ao presidente da Funefi, pedindo um apoio efetivo. Não houve resposta.

Das depois, foi dado um apoio formal, através de documento enviado ao DASJ. Almeida voltou a Cascavel, levando o documento, mas os membros da Comissão não aceitaram, pois o apoio do presidente da Funefi se dava mediante ofício enviado ao Diretório Acadêmico e não à



Comissão Pró-Universidade do Oeste.

Finalmente, foi marcada a audiência com o ministro da Educação. A direção da Facisa foi convidada a comparecer na sede a Facivel, a fim de compor uma comissão que elaboraria o documento a ser entregue ao ministro. Não compareceu. O DASJ foi comunicado através do Departamento de Assistência Universitária (DAU), da Secretaria Estadual de Educação, e da Secretaria Extraordinária de Comunicação, que a Funefi e a Facisa estavam fora do processo de federalização, devido à posição dos seus dirigentes.

Depois de muitas gestões, as lideranças estudantis conseguiram que a direção do jornal resolveria passar procuração ao vice-presidente Roberto Campana para que assinasse o documento que seria entregue ao ministro e garantisse a participação da Funefi e Facisa nas negociações.

A caravana compôs-se por 20 estudantes de toda região, muitos professores e políticos, e mudou o caminho de Brasília. O ônibus que saiu de Foz do Iguaçu se juntou aos outros em Cascavel. Os estudantes tiveram consciência das dificuldades que enfrentariam, não só na viagem mas também ao chegar em Brasília. Muitos, inclusive, estavam arriscando seus empregos, pois passariam um mínimo: uma semana entre viagem e estada na capital federal. Mesmo assim, não o grupo era elevadíssimo. Durante a exaustiva viagem, os estudantes cantavam e gritavam palavras de ordem, procurando manter todos unidos e firmes na luta pela federalização.

PRIMEIRA VITÓRIA

Ao chegar em Brasília, os estudantes se depararam com a primeira dificuldade: o alojamento da LONCLAT, reservado na cidade, estava ocupado. A solução foi um grupo de estudantes ir ao Hotel do Setor e outro para um hotel na cidade de Taguatinga. Mesmo assim, aproximadamente cem universitários dormiram no chão.

Depois de dois dias de viagem na base do sanduíche e refrigerante, os estudantes mal amanheceu o dia, começaram suas atividades. Enquanto um grupo foi à Câmara e ao Senado em busca de apoio, os outros ficaram no plenário da Câmara.



Federal dizendo o encaminhamento das propostas e fornecendo comissões para bater nas portas do gabinete dos deputados. A direção dos trabalhos ficou por conta de Adão Almeida (DASJ) que presidiu as reuniões, pelo professor Luiz Gonzaga (diretor da Facivel), pelo presidente da UNE, Renildo Calheiros e Lúcia e Pedro Sete dirigentes das direções de Cascavel e Rondonópolis.

Na hora combinada foram todos para o Ministério da Educação. Estudantes, professores e políticos se uniram na luta pela federalização das universidades do Oeste. Passava das 10 horas os estudantes aguardavam uma audiência. A audiência estava marcada para as 13h30 horas, mas não se pôde esperar. Estudante, impacientes e políticos pediram calma. Finalmente foram avisados de que o ministro Bon-Hausen receberia somente um comissão. Almeida subiu numa cadeira, comunicou o fato aos estudantes e disse que era contra, pois a comissão não havia se formado até Brasília, para o prazo. Quase oito horas, nova informação: O ministro não estava e a comissão seria recebida pelo subsecretário. Os políticos e algumas lideranças já estavam acalorando, mas os estudantes foram contra. Finalmente, o ministro decidiu receber a comissão em sua residência. A comissão, composta de senadores e deputados, foi ao Setor e de lá saiu a promessa de uma visita de 10 minutos e encurtados e a promessa dos políticos de estadualizar as fundações.

Educação para todos é assim que faz?

Educação para todos. É na ponta do lápis que se aprende. Voltam as aulas. Sim e daí. Já voltamos as aulas e essa merenda vai demorar pra ficar pronta? Não esperem por mais nada. Gratuidade do Ensino (1º, 2º e 3º Grau); Melhores salários aos professores; Currículos das disciplinas revisados; Métodos de avaliação diferentes; Jornadas de trabalho reduzidas. Nada disso vai acontecer, portanto não esperem. Voltem as aulas, sentem-se, comportem-se, apinhem o lápis, não escrevam nada, só obedecem. E a razão, desculpem, a merenda já sai. Pronto do dia 10 de sempre. Leite de soja, sopa de soja, arroz de soja, carne de soja, pão de soja e de sobremesa pudim de soja (é claro). Nessa visão simplista, elitista e acadêmica que o governo da New Republicana tenta resolver os problemas do ensino brasileiro. Antes de atacar com medidas concretas o governo tenta (novamente) sensibilizar o povo na volta às aulas. Volta pra quê? Só pra come, e nada mais.

Segundo a linha (ditatorial) do governo, o presidente da Funefi (não sei pra que presidente?), declarou em recente entrevista a imprensa:

"A comunidade deve se unir para resolver e defender seus interesses (muito bem), esses interesses devem ser abraçados um de cada vez ou melhor dizendo um por ano (lho, e agora). Vejamos bem, em 1986 o centro de convenções, em 1987 a área de livre comércio, em 1988 a

universidade federal (ufa, será que o sr. Narciso Vallanti não acharia melhor abraçar e lutar pela universidade na próxima passagem do cometa Halley?).

Muito bem meus caríssimos colegas e companheiros já é chegada a hora de defender os interesses da classe estudantil e não deixar que interesses exclusivamente empresariais sejam levantados como primordial, é hora principalmente de rever os estatutos e regimentos da FUNEFACISA: A PARTICIPAÇÃO DOS MEMBROS DO CONSELHO DE CURADORES; A participação do principal mantenedor da FACISA/FUNEFI que eficientemente como não. Devemos salientar, desde já que o interesse primordial da classe estudantil iguassuense é a UNIVERSIDADE FEDERAL, que então não devemos esperar para 1988 para encampar essa bandeira luta e sim levanta-la para vencer os trâmites legais, como também outros interesses exclusivos da comunidade iguassuense.

Universidade Federal já Gratuidade do Ensino já Salários decentes aos professores já Revisão dos currículos já Métodos de avaliação diferentes já Redução da jornada de trabalho já

... e bom orgasmo a todos

beijos e esculachos

Beto Maciel

Vamos derrubar a ditadura paraguaia

Os estudantes da FACISA tem apresentado seu repúdio à ditadura paraguaia em diversas oportunidades, como as Jornadas de Solidariedade ao Povo Paraguaio; Fórum das Juventudes Políticas do Cone Sul; manifestação em frente a Consulado Paraguai e de um ato público em frente a Câmara Municipal pela libertação de Renildo Gimenez (sequestrado pela polícia brasileira e entregue a seus algozes Strossner, onde permanece preso desde 1976). Este fato, sem dúvida nenhuma demonstra o amadurecimento do M.E. da nossa faculdade e contribui sensivelmente para a luta pela libertação do povo paraguaio que sofre a mais de 30 anos, uma das piores ditaduras do continente latinoamericano. Acreditamos que denunciando publicamente a corrupção institucionalizada; o tráfico de drogas; o contrabando e o descaminho e a violenta repressão a que são submetidos os cidadãos paraguaios por parte dos seus "governantes", estaremos contribuindo para por fim a esta terrível ditadura que fere o cérebro de qualquer ser dotado de sentimentos.

A ninguém é dado o direito de ficar calado ou de simplen-

mente cruzar os braços, estando nós aqui, tão próximos deste verdadeiro inferno a que são submetidos nossos irmãos paraguaios.

Solicitamos a todos os companheiros que venham a ler este texto que enviem cartas de protesto ao Consulado Paraguai ou ao general Strossner, que enviem cartas de solidariedade ao bravo Movimento "Estudantil Independente, em Assunção; que os pintores denunciem em seus quadros as cores da ditadura paraguaia; que os artistas plásticos moldem (no barro, de preferência) a cara sangüínea e as mãos sujas do ditador paraguaio, enfim, que os músicos componham uma canção-suave em memória daqueles que tombaram na luta pela libertação do Paraguai e para atenuar a dor e o pranto dos torturados, das viúvas e órfãos.

ENDEREÇOS:

Consulado Paraguai em Foz do Iguaçu
Rua Bartolomeu de Gusmão, 777
Movimento Estudantil Independente (Aos cuidados do Diretório Acadêmico Sete de Junho/Foz do Iguaçu-PR).

Informes do CATUR



No dia 13/04/86, alunos do curso de Turismo, fizeram um passeio nos Barcos Alifafos, no Lago de Itaipu, numa cidade da aglomeração de Turismo Canibé. Foi um passeio interessante e agradável. O condutor de eventos turísticos do Catur, Ridel Alvares, disse que o próximo será em missões, Argentina.

Os alunos de Turismo já confirmaram participação no VI E - B-TUR, que será realizado em Outubro/86 na cidade de São Paulo-SP. O futuro foi mágico da AFACISA, vão formar grupos de trabalho para debater pro-

postos que serão apresentados no VI Embetur.

PROVAS NUM EXA

Gostariamos que a direção da AFACISA, dê-se atenção para a assos de alunos que precisam a ser 4 ou 5 provas na 2ª chamada, levando em consideração de que um aluno, deixa de fazer tantas provas somente em casos alheios a sua vontade.

Ivanete e Tereza
2º Turismo

Tente rir...

No sofá, o casal de namorados.
Ela: - O que você está pensando?
Ele: - A mesma coisa que você...
Ela: - Aqui que te dou!

OOO

Na praia:
O debatedor e o atleta deitado,
fazendo flexões, a munda brasa -
Pode ir lá, pois a mulher já saiu de lá.

OOO

No botequim:
O "bodequino" sai as cartas do baralho. É exclama: Seu negociador de cartas! O curso já parou!
Mas o que ele fez? Te assustou?
- Não, Ele tomou um cafézinho e não pagou...

OOO

Na JK, indo tomar sorvete na

Jauener: o pai. Onde fica o lugar onde se toma sorvete?
A filha: O fusca sabe papai...

OOO

Concurso Internacional:
Quem é pior motorista?
Maiores concorrentes:
As mulheres, os Argentinos e os Paraguios.

OOO

E por falar em Português, já imaginaram o Jurma e alguém que eu conheço tomando algumas aulas com a professora Hilda?

OOO

Rubens Antonio Grandio Postal -
5º C.C.

Paródia de óculos

Se as meninas do Xis-Cão
Não olham mais pra mim
Eu tenho AIDS
Não entram no meu carro
Nem me passam a mão
Eu tenho AIDS
Eu era alegre
Tinha mil tranças e tava todo bem
Mas hoje tô triste
Eu tô com AIDS
Eu não tenho ninguém
Por que você não olha pra mim
Me ajude livrar desse mal
Por que você não olha pra mim
Por trás dessa doença tem um cara legal
Ai, ai, ai,
Eu preciso dizer que nunca fui o

tal
Também só pra fazer charme de intelectual
Se eu disser perigo
Você não acreditar em mim
/ o não nasci com AIDS
Eu não era assim
Por que você não olha pra mim
Me ajude livrar desse mal
Por que você não olha pra mim
Por trás dessa doença tem um cara legal
Por que você não olha pra mim
Por que você diz sempre que não
Por que você não olha pra mim
Por trás dessa doença anda bate um coração
Ai, ai, ai.

Ações do DASJ

A campanha de qualquer pro-
tendente a cargo de direção em
entidades, seja qual for a área
de atuação, deve num programa
mínimo as lutas. Nas agências
estudantes este programa
deve obrigatoriamente vir de en-
contro aos anseios esperados pe-
la classe, em função de seu maior
nível de politização. Dos "20 pontos"
apresentados como programa
básico do trabalho da chapa
"Caminhada", fazemos em:

1 - Eleições diretas para diretor
- Após 2 reuniões realizadas com a diretoria da Faculdade, obtivemos o compromisso de que nossa reivindicação seria considerada, encaminhando-se providências necessárias ao seu atendimento. A proposta foi aceita e se faz urgente receptiva à proposta.

2 - Representação partidária em todos os Departamentos - Obtivemos o compromisso da diretoria da Faculdade na inclusão de mais 20 alunos representantes de docentes nos órgãos deliberativos da nossa instituição.

3 - Luta pela redução do índice de aumento das mensalidades - A Fundação atendeu ao apelo do DASJ no sentido de apresentar os juros decorrentes do atraso relativo à 1ª parcela das mensalidades. Esses juros foram cobrados indevidamente, uma vez que os respectivos centos foram distribuídos com atraso em relação ao vencimento das parcelas. O DASJ agradece ao grande número de estudantes que atenderam à proposta de boicotarem as mensalidades até que o valor da prestação à direção da FUNER seja cobrado integralmente.

4 - Com relação à participação dos estudantes na FUNER, o DASJ participou pela 1ª vez e ele-
de a sua criação, de uma reunião do Conselho de Curadores, onde discutiu-se a questão do aumento salarial a ser concedido aos professores, ocasião em que o presidente do Direção levou ao conhecimento dos conselheiros a reivindicação de uma representação de professores, estudantes e funcionários naquele conselho.

5 - Luta pela Universidade pública e gratuita no Oeste do Paraná - Está em dispensa qualquer comentário haja vista a intensa e preparada participação do DASJ na Comissão Pró-Universidade do Oeste.

6 - Luta por verbas para a pesquisa - Foram realizadas diversas reuniões com a Direção, DASJ e uma comissão de alunos dos 4 cursos onde foi apresentada esta reivindicação, tendo a Direção assumido o compromisso de encaminharem providências à fundação mantenedora.

7 - Reforma do ensino de 3º grau - O Direção Acadêmica, juntamente com o Cole e Catur apresentaram propostas concretas à direção da Faculdade no sentido de rever os métodos de avaliação, implantar novas disciplinas na área humanista (filosofia, ecologia política, sociologia, antropologia e história do pensamento humano), bem como um treinamento didático-pedagógico a todos os professores da Faculdade, devido ao grande número de solicitação dos estudantes (já atendido, pela direção).

8 - Apoio à formação dos Centros Acadêmicos - Foram im-

plantados os Centros Acadêmicos dos cursos de Turismo e Letras. Os Centros Acadêmicos dos cursos de Administração e Contábeis encontram-se em fase de implantação, tendo inclusive seus respectivos projetos de estatuto já elaborados.

9 - Apoio à formação dos Centros Acadêmicos - Foram im-

plantados os Centros Acadêmicos dos cursos de Turismo e Letras. Os Centros Acadêmicos dos cursos de Administração e Contábeis encontram-se em fase de implantação, tendo inclusive seus respectivos projetos de estatuto já elaborados.

10 - Apoio à criação da Associação dos Docentes - O DASJ participou várias vezes ao corpo docente que organizasse a sua

Associação, facilitando assim um maior entrosamento entre o corpo docente e docente, conforme ocorre em todas as escolas de 3º grau que se conhece. Estamos aguardando.

11 - Realização de Assembleias Gerais periódicas - Pela 1ª vez desde a criação da nossa Faculdade o DASJ conseguiu a inclusão no calendário escolar da Faculdade, de 4 dias por ano (recesso escolar), reservados às Assembleias Gerais.

O Presidente do Direção Acadêmica foi recentemente nomeado para integrar o Conselho Municipal de Transporte Coletivo e o Conselho de Defesa do Consumidor, como representante da classe estudantil de 3º grau da nossa cidade. Essa participação decorre no entrosamento existente entre a entidade e os interesses da sociedade iguaquerana, cuja atuação tem se pautado na defesa dos direitos e interesses da comunidade.

Como vai a educação no Brasil?

A educação é só para uns poucos.
De cada 100 crianças que estão na idade escolar, só 60 conseguem se matricular na 1ª série, ou porque não existe escola na região, ou porque a família não tem dinheiro para as despesas com alimentação, livros, roupa... Das 60 que entram, quase 25 reprovam ou não ficam na escola. No fim, das 100 crianças, só 2 conseguem chegar até a faculdade.



A grande maioria das crianças eliminadas desse grande funil que é o sistema escolar são os filhos das famílias pobres de camponeses ou de operários. Esta situação é uma grande injustiça porque aumenta ainda mais a distância entre os ricos e os pobres na nossa sociedade.

Quem consegue ficar na escola, percebe que ela não ajuda muito na sua vida. O ensino é distante da sua realidade, os livros são caros e falam de coisas que pouco interessam, as provas não ajudam a aprender. Muitos professores são mandões, impondo uma disciplina mais de medo que de responsabilidade. A escola não está servindo nem para formar a consciência crítica dos alunos, nem para desenvolver neles a responsabilidade e a participação.